

A IMPRENSA.

ORGAN DO PARTIDO LIBERAL

No dia 14 de outubro de 1885 o espolito **Balmundo de Arca Leão**, que por 49 horas conspuro a cadeira presidencial desta provincia, demittiu, em menos de cinco horas, cento e tantos empregados liberaes entre os quaes muitos vitalicios! Horror!... No dia 11 de Novembro do mesmo anno o destrahido **Manoel José de Moraes Prado**, calcando aos pés a Res. n. 1062 de 15 de Junho de 1882, removeo forçadamente quatro professores de instrucção primaria!!

A «IMPRENSA», publicação semanal. Assignatura por anno 10\$000 reis, por semestre 5\$000 reis. Publicações de interesse particular—conforme o ajuste devendo virem os autographos responsabilizados, sem o que não serão publicados: do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXI

THERESINA.—SABBADO 22 DE MAIO DE 1886.

NUMERO 918

A IMPRENSA.

THERESINA, 21 DE MAIO DE 1886.

Crise financeira.

Ha muitos annos as nossas finanças se acham num desequilibrio assustador.

Em virtude dos nossos antecedentes historicos, da nossa pessima educação politica e da pujante natureza que nos cerca, nós somos um povo imprevidente e ocioso, mas grado os *chauvinistas* que por ali formigam.

Colonizado por uma nação em decadencia, juntamente quando Portugal, depois de elevar-se ao fastigio da gloria pelas suas conquistas maritimas, estorcia-se sob a pressão da miseria e da dissolução dos costumes, o Brazil recebeu da metropole todos os seus vicios e fraquezas, que ainda hoje o entorpecem no movimento ascendente da civilização. As antigas capitaniaes eram, por via de regra, entregues a cortejos gastos, servis e bajuladores do paço d'El-Rei. Os governadores vinham para aqui acompanhados de filhos e agentes dissolutos, sem energia de caracter nem elevação de intuitos. Impedindo a communicação com os povos civilizados e enviando a Lisboa as riquezas da nova terra, elles podiam contar com o apoio do soberano, ainda que nada fizessem em beneficio da colonia nascente.

Esta é a primeira causa do nosso atraso, causa historica, em que se verifica perfeitamente a lei biologica da *hereditariedade*.

A nossa educação politica. Imposta pelo militarismo de D. Pedro I, a dynastia bragantina conseguiu afinal adaptar este povo aos seus designios, amollecendo-o e estragando-o até a medulla. Aos poucos patriotas do periodo regencial, succedeo uma geração egoista, apathica, indolente.

Ao lado deste elemento, devemos collocar o elemento servil que infiltrou-nos nas veias o viros deleterio da decadencia moral, reservando o trabalho como um castigo á misera raça do Cham.

FOLHETIM

ATRAVEZ DO MEZ MARIANO.

Contigo, ó Musa, já subimos ao côro da igreja do Amparo. Si alguma ascensão já houve mais gloriosa, e para a sciencia mais proveitosa, nenhuma houve, apostamos, que mais encantos produzisse aos arrojados aventureiros que a levaram a effecto.

As noites radiantes, que do cimo das geleiras alpinas se observam, pôdem arrebatá quem as contempla; porém o *mal de montagne*, produzido pela rarefaccão do ar nas camadas superiores da atmosphera, causa uma especie de *malaise* que diminua a nossa tensão intellectual. Sofreram-no De Saussure, Charles Martin, Bravais, Dargaud e o proprio Agassiz com os seus cinco atrevidos companheiros.

Do lugar a que contigo subimos não nos foi dado contemplar com Chatellier os nevões d'ouro do Jungfrau, nem com Berthelot o oceano de nuvens que se desortina do pico de Tenerife; com Humboldt não vimos despenhar-se dos precipios andinos a cascata visinha ao castello encantado de Gualgayoc, ou com Boussingault o inferno de gelo que se encontra nas altas encostas do Chimborazo. Ainda foram diversas as impressões que dominaram o nosso espirito naquellas alturas: em vez de remontarmos pelo pensamento aos tempos idos, e procurarmos a causa electro-physics que produz os singulares phenomenos que convenceram aos medievales da exist-

Depois a natureza grande, opulenta e uberrima em que vivemos como que nos abate e amesquinha. As nossas mattas interminaveis, os nossos rios caudalosos, offerecendo vastos recursos ás primeiras necessidades do brasileiro e despertando a admiração do mundo, tornou-nos um povo sem iniciativa, imprevidente e retardatario.

Eis ali as causas principaes do nosso atraso, eis ali porque lutamos actualmente com o deficit assombroso de—1,100.000:000\$000, o que dá um coefficiente da capitação superior a 91\$000 por habitante (!), segundo o calculo de um jornal maranhense. Esta cifra comprehende todos os compromissos do thesouro publico, tanto internos como externos, inclusivé os dois ultimos empréstimos: o de £ 6.000:000 na praça de Londres e o de rs. 50.000:000\$000 na do Rio de Janeiro.

O relatório de 1884 deixou demonstrado que no periodo dos vinte exercicios decorridos de 1862 a 1882 ao passo que as rendas publicas cresceram na razão de 90,3% a despezas augmentaram na de 118,6%. O exercicio de 1884 até ao que caminha a seu termo apresenta um deficit de 22.000:000\$000, segundo o *Journal do Commercio*. Antes dos ultimos empréstimos a divida interna era de 699.662:650\$000 e a externa de—19.032:000\$000.

Os liberaes trabalharam no sentido de melhorar esse estado de cousas tão desolador para o paiz. Os conservadores subiram ao poder manifestando as mesmas intenções, pelo menos é o que se deprehende dos avultados empréstimos que o sr. ministro da fazenda contrahiu em Londres e na Côrte.

A 17 de abril ultimo o governo expediu um decreto autorizando a conversão das apolices da divida publica de juros de 6% emitidas em virtude da lei de 15 de novembro de 1827. O art. 1.º deste decreto diz o seguinte:

«O ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda fica autorizado para converter em titulos de 5% as apolices de 6%, emitidas em virtude

da lei de 15 de novembro de 1827, e a fazer operação de credito parz embolsar ao par e por series, mediante sorteio, os portadores das apolices de 6% que não quizerem receber em troca aquelles titulos.» Este primeiro passo do governo, que não é sinão um acto preparatorio do seu plano de reforma financeira, ainda incubado, trará ao thesouro a economia de 3 a 4 mil contos annuaes.

A ideia da conversão das apolices foi suggerida pelos liberaes e autorizada pela lei n. 3229 de 3 de setembro de 1884. Nós não podemos deixar de aceitar-a, não só por ser genuinamente liberal como por estar de accordo com as ideias da sciencia das finanças e com as praticas de nações acreditadas no mundo economico.

O partido liberal, lutando com outras grandes reformas e com outros obstaculos de ordem constitucional, não conseguiu realisá-la; mas defendeu-a e preparou o terreno para a sua consecução.

«A situação liberal, diz o sr. dr. Joaquim Nabuco, foi um grande periodo de agitação no paiz. Ella perdeu-se pelo que produziu, mas ha de ser salva pelo que semeou.»

Abstemo-nos de tratar dos empréstimos contrahidos ultimamente pelo governo. Somos de opinião que o credito publico é de grande vantagem para os Estados, maxime em epoca de crise, em que perigam a sua segurança e bem estar.

Mas essa vantagem só é uma realidade quando o governo sabio e honesto dá ao empréstimo uma applicação util á causa publica.

«Un emprunt sera utile en nuisible á la société en général suivant que l'Etat aura conservé et utilement employé, ou gaspillé et détruit le capital dont les rentiers auront abandonné la possession.» (Leroy-Beaulieu). Não sabemos que emprego o sr. Francisco Belisario pretende dar ao capital que levantou por conta do Estado.

Aguardamo-nos, portanto, para quando s. exc. apresentar á camara o seu projecto de reforma financeira.

tencia de espiritos turbulentos no Rothal, como o fez Hugi, em extasi sublime sentimos esse estado de excesso de vida que se chama enthusiasmo, porém um enthusiasmo ineffavel como sóe ser o que despertam as symphonias côraes do Christianismo.

Depois contigo fomos á primeira sessão da Carbonaria. Ali como acolla foste tu quem nos inspirou o gosto pelo bello. As harmonias da orchestra encontraram, para receberem-nas, nos seus ouvidos mais sensiveis e mais educados, aos nossos olhos deste essa estranha penetração com que analysámos as qualidades estheticas de uma estrella de primeira grandeza que ali fulgurava; e ali como acolla permitteste a nossa pena esboçar com côres delicadas os typos andaluz e sevillano que mais atraíram a nossa attenção.

E não tiveste ciúmes por não te preferirmos, a ti que com tua voz dulcissima contribuías para o conjunto de encantos e harmonias sublimes que, em um e outro lugar, emanados de teus olhos, saídas dos teus labios, viam amanhá-se em nossa alma apaixonada.

E que tu, com tua loura coma e olhos cor de céu sereno, filha d'Albion, ó que tu, com teus olhos e cabellera negra, cor das montes siberianas, filha de Sorrento, ainda não sabes substituir, mesmo por um momento, o riso infantil que te enflora os labios de creanga por qualquer outro de despeito que mal coadunar-se-ia com os teus verdes annos.

Agora, Musa, deixar-te-emos por um momento. A viagem que imos esprecher é

muito perigosa para exigirmos a tua companhia; tem espiritos o caminho; as pedras da estrada ferir-te-iam os pesinhos delicados.

Vamos *bonlevardisar* um pouco.

...

No ether do espaço, negro como a aza da grãna, destacava-se o disco da lua, cujo brando clarão, envolvendo o dorso da terra, dava-lhe um aspecto festivo e altamente poetico. Myriadas de fôcos luminosos scintillavam no tecto do infinito aformoseando a natureza e nella a humilde e vertiginosa habitação do homem, a qual, em delirio de movimento, voltejava em torno do astro-rei, cuja frente coruscante se escondia abaixo do horizonte.

De tempos a tempos, bafatos e hippopotamos de nevens avolumavam-se na atmosphera langando sobre o largo do Amparo enormes panuos de sombra, que formavam os longos de um quadro esthetico sublime e encantador. Fresca ventilhação parralytica baixava docemente os telhados e as faces rubras dos *galants* e *cocottes* que gozavam os ineffaveis prazeres dos *bonlevards*.

As mezas povoadas de rotundos pentes e galinhas, de filalagos e mandis, convidavam os estomagos ainda os mais despecticos. Cafés, vinhos e a glacial cerveja, ostentavam-se feliciteramente nas praticeras atrahindo as gorges trabalhadas pelas discussões variadas, facundas e abundantes. Nos jogos de diversas especies evaporaram-se os peculios accumulados em longo tempo e á custa de penoso e acerrimo trabalho.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Sr. Redactor.—No n. 916 do seu conceituado jornal deparei com um artigo do illm. sr. dr. Estevão Lopes Castello Branco no qual entre outras cousas trata da maneira injusta porque foram augmentados os dizimos que paga em suas fazendas dos municipios das Barras e Campo-maior. Não é só esse amigo que tem de queixar-se por tão injusto procedimento, só filho de uma politica mesquinha e tacanha que só serve de provocar mais tarde iguaes represalias da parte dos liberaes que hoje se vêm perseguidos e roubados pela gana dos homens da *moderação*. Todos os fazendeiros liberaes dos municipios, para onde propositalmente foram devolvidos os lançamentos de dizimos, viram suas fazendas duplicarem e alguns triplicarem sua produção sem outra causa mais do que uma vingança mesquinha e torpe, ao passo que erão consideravelmente diminuidos os dizimos dos conservadores. Eu como liberal não podia deixar de ser uma das victimas, pois como tal sou um dos exromangidos pela gente da *governança*, tive pois a *satisfação* de ver que entre as fazendas de minha propriedade e as que se acham sob minha administração houve o anno passado um augmento de perto de oitocentos bezzeros!

Só em Marvão em duas fazendas o augmento da produção foi de tres quintas partes das produções anteriores! No mesmo municipio duas fazendas dos filhos do coronel Gayoso, sob minha administração e somente por este facto, pois o coronel Gayoso foi um dos chefes prestimosos do partido conservador (em quanto gastou seus haveres com a politica) e seus filhos até hoje ainda se não envolveram nas luctas partidarias, nessas duas fazendas, como ia dizendo, foi augmentada a produção em cento por cento! Ali, ao passo que sou lançado em *millemtois* bezzeros em duas fazendas, o sr. tenenté-coronel Miguel Cardoso, que é o mais rico criador do municipio, onde possui diversas e impor-

Foi ali, singella diva, que longe de raizores profanos, firmos comigo as delicias de um momento verdadeiramente humano. Afundando o olhar na immensidade dos teus grandes olhos, serrando-te as polposas mãos, demos-te nervosamente um longo e voluptuoso... beijo. Teus negros cabellos ondavam em torno de nós ambos, que, nesse instante, esquecimos tudo para render uma alogação profunda e sincera ao deus universal—o amor.

Ah! como é grato recordar as juras eternas, as confissões intimas, que fizemos, deslombados das misérias da vida, immersos n'um oceano de venturas! Quem não invejaria a nossa felicidade? Porém o que se passou naquella estancia dulcissima

*Melhor é experimental o que julga-o.
Mas julga-o quem não pode experimental-o.*

No entanto, a razão sobrepunndo o sentimento, o dever vencendo os sentidos, obrigam-nos a uma separação dolorosa, a que nos sujeitamos com as lagrimas nos olhos e os corações bipartidos de saudade.

El agora na triste solidão de um deserto, parodiando aquelles plangentes versos de Gonzaga:

*Albionica Musa, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Si vem depois dos males a ventura,
Logo após o prazer, vem a desgraça.*

CASTOR E POLLUX.

tantes fazendas de gado, consta-me ter sido apenas lançado em cento e poucos bezerrros!

Isto é simplesmente escandaloso. Em Campo-maior o escandalo não foi menor pois ha ali fazendeiro que estando lançado em dez bezerrros n'uma fazenda e quinze n'outra pode ter vaqueiros eleitores de parochia e dar aos mesmos vaqueiros doze matolotagens annualmente a cada um!!!

Na fazenda «Angico Branco» de propriedade dos herdeiros do dr. Almendra, possuo apenas tres vaccas das quaes apenas duas derão producção esta anno, no entanto o collecter não trepidou em lançar-me em quarenta bezerrros! Vinte por cada vacca! Estas ainda são mais producivas do que a unica vacca que nosso amigo capitão João Antonio Pacheco possui na villa de Campo-maior e que apesar de não ter dado producção, tanto foi esgrimida pelo digno collecter que viu-se obrigada a parir cinco bezerrros de uma vez! Consta-me que esse nosso amigo offereceu esses bezerrros ao governo o mesmo faço eu pondo desde já ao dispôr do governo ou de seu digno collecter os trinta e oito bezerrros com que fui contemplado a mais na referida fazenda «Angico Branco», aproveitem-se já que estão com tanta fome.

Eu e muitos outros fazendeiros temos interposto recurso de tão injustos lançamentos, perante o exm. sr. presidente da provincia e aguardamos o resultado, apesar de que a voz publica diz que não nos será feita justiça, pois foi tudo previamente combinado na camarilha do palacio; se tai acontecer ou nos veremos torcidos a ir vendendo uma após outra as fazendas para satisfazer a ganancia do fisco ou a defender nossas propriedades com mão armada, como se estivessemos nos Abrusios, ou se os Unos estendessem suas correrias no seculo XIX, até esta provincia.

Livramento 12 de Maio de 1886.
Jacob d'Almendra Freitas.

Srs. redactores da «Imprensa». — Não sou assignante da «Epoca», — jornal que se publica n'essa capital, e por isso, só muito depois da sahida do vapor de 24 do proximo passado Abril, me veio ás mãos o seo n.º 397 de 27 de Março ultimo, o qual traz uma — local — com a epigraphé *accusação injusta*, desfendendo o exm. sr. presidente da provincia, dr. Menezes Prado, com relação a um protesto que fiz publicar na «Imprensa» n.º 909 de 20 d'aquelle mesmo mez.

Ainda que a «Epoca» não me tivesse feito apello algum para voltar á «Imprensa», não devia esperar o meu silencio d'esse que, para produzir aquella defeza necessitou torcer a seu geito o facto que motivou o meu protesto.

E para que não paire a duvida nos animos desprevenidos e possão todos formar convicção da justiça do meu procedimento protestando contra a solução dada por s. exc. á 3.ª questão de duvidas suscitadas pelo conselho de compras d'esta cidade, confronte-se a verdadeira decisão de s. exc., a qual motivou o protesto alludido, com a *aguetada* pela «Epoca», que ambas transcrevo. — E' a seguinte a solução dada por s. exc. em officio de 12 de Janeiro do corrente anno: «Ao capitão do porto da cidade da Parnahyba. — Em solução das duvidas suscitadas pelo conselho de compras, d'essa cidade, constantes da copia que acompanhou o officio de vmc. de 23 de Dezembro ultimo, tenho a dizer-lhe: Quanto a 1.ª que..... Quanto a 2.ª que..... Quanto a 3.ª que não podem ser acceitas como arrematantes, pessoas que posto sejam negociantes matriculados, não se achão na livre administração de

seus bens em consequencia de ter feito ponto em seu commercio, por não offerecerem ao Estado ou á Fazenda publica a necessaria garantia.» (Epoca n.º 393 de 20 de Fevereiro d'este anno.)

Agora, a solução *aguetada* pela «Epoca», na local a que me refiri, constante do jornal de 27 de Março: *Accusação injusta*. — E' a que faz ao exm. sr. dr. Prado, o sr. tenente-coronel Luiz Antonio de Moraes Corrêa em um protesto que fez publicar na «Imprensa» de 20 do corrente.

«Resolvendo duvidas que lhe forão suscitadas sobre concurrentes ao fornecimento da escolla de aprendizes marinhoiros da cidade da Parnahyba, s. exc. tendo em vista os interesses da fazenda publica e não dos individuos que pretendessem concorrer a arrematação dos mesmos, firmou o juridico principio de que os negociantes fallidos, que tem *ipso facto* perdido a confiança do commercio e dos particulares, não merecendo por isso mesmo a do Estado, não podião concorrer á arrematação.

Esta decisão, desticou da jurisprudencia do sr. tenente-coronel Corrêa que vio n'ella uma perseguição &, &, &»

Ora, se fosse esta e não aquella a decisão de s. exc., razão teria de sobra a redacção da «Epoca» para combater o meu protesto — por que nada mais justo o consentaneo com a razão do que essa *solução da Epoca*, á duvidas suscitadas n'este sentido, e nem eu seria tão imbecil que, achando-me comprehendido n'essa hypothese, houvesse apresentado-me como proponente, e menos ainda contestado a justiça e a razão de semilhante decisão.

Mas o caso é todo muito differente, pois como fica provado, nem foi esta a decisão de s. exc. e nem eu me achava n'essa hypothese, e sim n'aquella — isto é — d'esse Janeiro de 1885 que resolvi fazer ponto em um dos diversos ramos do gyro de negocio que tenho n'esta cidade, passando a outro, o estabelecimento de loja de fazendas a retalho, conservando aberto o meu escriptorio de consignações, compra e venda de alguns generos de especulação & & e promovendo amigavelmente a liquidacão d'aquella parte da meu commercio, com a arrecadação das dividas activas e pagamento do passivo.

E acha a «Epoca» que não devia destoar a todo commerciante, não a sua jurisprudencia, mas a de s. exc. ?

Não a acreditar se me respondesse pela affirmativa, pois não posso crer que em boa fé se affirme que, pelo facto de ter qualquer negociante resolvido fazer ponto — em seo negocio, isto é, a não continuar a negociar, não se ache *ipso facto* na livre administração de seus bens!

Mal estaria todo commerciante, por que ainda quando conhecesse que estava tendo prejuizo no gyro de seu negocio, seria obrigado a n'ello continuar, porque do contraria não seria considerado mais na *livre administração de seus bens*!

Foi a esta jurisprudencia de s. exc. que não me sujeitei; e jamais me sujeitarei; e por esta razão lavei o meu protesto salvaguardando o meu direito e o de uma classe inteira, da qual, posto que um dos mais humildes membros, faço parte.

Aquella decisão, de s. exc. não destoa somente da *minha jurisprudencia*, não: ella destoa tambem da de todo commerciante que conhece os seus direitos, garantias e deveres; — destoa ainda, estou certo, da de vv. ss. srs. Redactores da «Epoca», se com franqueza quizerem expor sua opinião. A jurisprudencia não é minha, e sim de s. exc.: conservo a convicção de ter cumprido o meu dever protestando contra ella e parece-

me que se s. exc. não se tivesse deixado levar por informações apaixonadas e tivesse por si, estudado a questão: outra teria sido a sua decisão, pois a que deo, tambem lhe ha de destoar.....

Em minha auzencia, em novembro do anno passado, por ter de acompanhar a provincia do Ceará, pessoa de minha familia atacada de beri-beri, constitui aqui, procuradores, de accordo com as pessoas com quem entretinha relações commerciaes e que erão meos credores, e commetti lhes o encargo de promoverem a cobrança do meu activo em dividas, que ainda subia a quarenta e tantos contos de reis, que seria applicado ao pagamento do meu passivo.

O sr. *felix dias*, porem, a quem a «Epoca» honra com o pomposo titulo de *honrado commerciante e seo amigo*, que, *matroso e industrioso* como sõe ser, aproveitando a minha auzencia na epoca das propostas para o contracto de fornecimento, tendo immediato interesse na minha exclusão da concurrencia, visto como seria impreterivelmente preferida a minha proposta que foi entregue e aberta pelo conselho, e que como disse no protesto, fazia uma differença para menos dos pregos da proposta que elle representava como procarador, de 60 e 80 por cento (!), teve a rara habilidade de torcer o facto de minha liquidacão, de tal modo que, alcançou que o conselho fizesse aquella consulta sem fundamento e sem base, certo como propalava e gabava-se de que seria decidida de modo que a minha proposta não seria aceita e portanto *só ella* seria o contractante, com manifesto prejuizo da fazenda publica!!!.....

Quando digo que elle contava, *somente consigo* ser feito o contracto, é porque se haviam os demais proponentes (os seus procuradores porque os verdadeiros proponentes nenhum interesse teem n'esse fornecimento e apenas prestão suas firmas como negociantes matriculados, sendo os *interessados* os procuradores) combinado entre si nos pregos propostos. O unico que não foi alli representado por procurador foi o sr. Frankim Gomes Veras e este mesmo de accordo com *felix dias*, só contractou fornecer dois artigos!

Quando regresssei do Ceará era geral a opinião publica do que eu não fazia parte dos contractantes de fornecimento por que gaba-se o *felix*, que tendo preponderancia na politica dominante (decadencia politica!!!) fazia questão por isso e que contando amigos (políticos) n'essa capital, e nomeadamente declinava os nomes dos dr. Simplicio Coelho de Resende e negociante Manoel Raimundo da Paz, affirmava e *queria apostar* que a decisão seria exactamente aquella que infelizmente se realison!!!

Assim pois, esclarecido o facto que motivou o meu protesto, e que pelo provado, traz a todos a convicção da razão que me assiste, pois sua narração está somente revestida do cunho da verdade, por minha vez, parodiando a «Epoca», ousou esperar do cavalheirismo da redacção d'esse jornal, não se recusará a vir nas suas columnas declarar que se achava duplamente enganada quando affirmou que a decisão de s. exc. o sr. Prado — foi justa e razoavel e que só teve em vista os interesses da fazenda publica.

Agora, permita-me a redacção da «Epoca» que fazendo-lhe uma observação a respeito do seu *honrado amigo felix dias*, lhe tire

«D'aquelle engano d'alma ledo e cego Que a fortuna não deixa durar muito».

Esse ente que só tem de humano a figura, não conhece a significação da palavra — *honrado* — não consta do seu dicionario, sendo alem disso, de uma *innocencia* invejavel, mas de uma resistencia a prova de tudo, por causa das *orelhas* que lhe tapão os ouvidos. Dizem... *Amigo*, podem ser (por ora) Vv. Ss.

d'elle, em quanto não lhes conhecer as *manhas*, mas elle, com certeza não o é de *ninguem*.

Para tirarem-se pois, de tão cruel engano, a respeito d'aquellas duas palavras que escreveram, peço-lhes por favor que mandem syndicar aqui reservadamente, mas sem reserva de pessoas, classes e politica, e eu aposto pela unanimidade da — sentença — reconhecendo-o *innocente e completamente ignorante d'aquelles dois predicados*.

Luiz Antonio de Moraes Corrêa.
Parnahyba, 8 de maio de 1886.

Ao publico.

Constando-me que o sr. tenente Antonio Modesto Nogueira tem manifestado desejos de tentar contra minha existencia, venho por meio deste declarar que qualquer coisa que me aconteça é aquelle sr. o unico responsavel visto como é elle o unico inimigo que tenho, o que não obstante não acreditaria em tal historia se o sr. Nogueira (segundo dizem) já não tivesse enforcado a uma sua irmã em um galho de tenge-roupa, e assassinado nesta villa o infeliz Clemente José Arca.

Para salvaguardar-me do punhal homicida — deste facinora, peço aos srs. redactores da «Imprensa» a publicação destas linhas, fazendo-as reproduzir em todos os numeros desta jornal durante o periodo d'um anno da data da primeira publicação.

Pelas quaes se responsabilisa na forma da lei.

Santa Philomena, 29 de março de 1886.

Leopoldo Lustoza.

Ao publico.

Tendo certeza de que os senhores capitão Justino Alves Mendes Vieira e Avellino Mendes Vieira procurão todos os meios de fazer mal á minha pessoa, venho pela imprensa declarar que, se eu soffrer qualquer despeita, ou mesmo se me for roubada a propria existencia, são esses senhores os unicos responsaveis, por quanto ninguém ignora o odio e rancôr que elles me consagrão.

Responsabilisa-se, na forma da lei por estas linhas

Raimundo Ferreira Cabral.
Regeneração 20 de Abril de 1886.

Como procede o sr. dr. Prado.

O abaixo assignado fazendo publicar um requerimento que em janeiro ultimo dirigiu ao presidente da provincia, só tem em vista, mostrar ao publico a maneira porque a primeira autoridade da provincia se utiliza da propriedade alheia contra a vontade de seu dono, não que isto lhe cause admiracão, pois quem tem o desbragamento de saltar por cima da lei para remover á força quatro professores primarios, não é muito que contra vontade do proprietario de um predio qualquer se utilize d'elle, como se fôra proprio do governo, para o fim que lhe convier. Durante mais ou menos oito annos, tenho tido esse predio, occupado pela camara municipal, quartel e cadeia sem o governo fazer a minima despeza, pois desejando auxiliar o governo da provincia lh'o cedi gratuitamente; hoje não me convem ou não posso continuar a fazer essa cedencia, (e note-se que somente essa parte, continuando a ceder metade do predio gratuitamente ao governo) e o sr. dr. Prado que talvez julgue que por ter eu feito esse favor ao governo, perdi o direito do predio, recebe meu requerimento e *moitê*; manda um destacamento aboletar-se no referido pre-

dió sem me dar a menor satisfação e qualquer dia baixará um decreto espoliando-me dessa propriedade e quicá de outras!!

Queira publicar, sr. redactor, estas linhas pelas quaes se responsabilisa
Jacob de Almendra Freitas.
Livramento, 18 de maio de 1886.

Illm. e extm. sr.—Havendo o abaixo assignado, em 1878, cedido gratuitamente e por tempo indeterminado, o predio que possui n'esta villa, para servir de quartel, cadeia e sessões da camara municipal, e não lhe convindo mais continuar a fazer a dita cedencia, no todo, visto ter urgente necessidade de utilizar em seu serviço a parte do predio destinada a quartel e cadeia, vem perante v. exc. declarar que retira o offerecimento que em tempo fez ao governo da provincia relativamente a esse lado do predio, podendo continuar a funcionar a camara municipal como até agora na parte do predio que lhe foi destinada, pelo tempo que convier ao supplicante; e como a parte do predio que o supplicante retira do offerecimento se ache neste momento desocupada e bastante deteriorada, roga a v. exc. que se digno providenciar no sentido de serem aboletadas em qualquer outra parte as praças que por ventura tenham de ser destacadas para esta villa.—Nestes termos E. R. M.—Livramento 6 de janeiro de 1886.—Jacob de Almendra Freitas.

Silhouettes.

Tendo apparecido na «Epoca» (ou «Telephone») um artigo assignado por um fulano de tal da Parnahyba, contra sierrano d'aquella mesma cidade, attribuindo-lhe a autoria de uns artigos denominados «Silhouettes», publicados n'esta folha, venho declarar, alim de não continuar a recahir sobre este ou qual quer outro a responsabilidade que me cabe, que me acho nesta capital ha mezes, e que não tenho determinado ainda o dia do meu regresso á terra natal, pois acho-me bastante atarefado e no empenho de concertar o meu monoculo—que estragou-se na observação de um typo.

Theresina, abril de 1885.

Procopio.

Silhouette.

5.º TYPO

O pallidas rosas,
Que em noites saudosas
Dormis languaras
Da lua ao clarão,
Deitae-vos, donzellas!
E em noites tão bellas
Fugi das janellas,
Que eu sou D. João.
(G. Junqueira).

Louro, olhos azues, nariz aquilino, bigodes vermelhos, bastante retorcidos, sempre penteado com esmero—é um verdadeiro dandy.

Apezar de casado, mette-se a D. Juan, o que lhe tem custado bem boas carreiras. Sua ultima aventura teve lugar n'uma villazinha do Maranhão, donde raptou duas interessantes pequenas...

Falla muito e sempre apressado. Já foi á Paris, e posto que seja filho da Tutoya, é capaz de brigar com quem disser que elle não é francez. Sua mania é fallar essa lingua com todos que lhe apparecem. Outro dia ouvimos este interessante dialogo entre elle e um seu amigo e vizinho, que tambem já esteve em França e Inglaterra, o qual dá a vida por contar as grandezas que viu por esses paizes. Dizia elle:

—Mon cher vizinho, parla vous français?
—Oui; um peu.
—En ce caso c'est commeje.
—Non; moi parle muito peu.

—Avec as tu apprendé?
—Avec moi só et com mon passeada en le Paris. Et vous?

—J'ai recevie les liçons de monsieur Hoyer aqui et já tomé um lente dans Paris.

—Je aussi parlo um pouco de english.
—Moi non parlo english, mais já muito inclination pour français.

—Quant, ami, a gasté vous na son pormenade dans Europas?
—J'ai gasté oito conte de reis. Et vous?

—Done en fut plus economé, porque je non gasté plus de 500 milis reles!

E assim continuaram os nossos francezes d'agua doce a se exhibir, até que nos retiramos de sua presença.

Continuemos a examinar o rosson louro; vemos ainda muita cousa.

Emigrado do Maranhão, recolheu-se o francez á nossa terrinha (em feliz momento) onde começou sua vida de bodegueiro.

Do pequeno negocio a retalho passou a larga importação e exportação directa para a Europa.

O certo é que o nosso bigode ruivo diz ser hoje um dos primeiros negociantes desta terra.

Construiu um palacete á moda europeia, no qual tem toda sua tenda.

Foi liberal inflammado, mas por intrigas politicas, (sempre ellas!) desinflammou, e virou casaca.

Hoje é um dos chefes conservadores, por causa da—burra—: esta, que está sempre recheada, conserva-a aberta em disposição dos co-religionarios. A chefia porem só a conserva em nome e é em quanto não fechar a cuja.

Em materia de aventuras D. Juanescas ninguém lhe leva a palma! Na Tutoya, onde deixou o umbigo, apresentanos o monoculo scenas importantes.

Que querem?.. é bonito! Quem tem a culpa são ellas.

Sua vasta intelligencia tem sido ultimamente posta á prova como vereador, e breve será cantada em prosa e verso quando estrear na assembléa, visto achar-se eleito um de seus Lycurgos neste biennio. Ah! é que hão de ver bom e bonito! Pois se elle aqui já vae á camara lançar discurso!...

E' de tal modo exaltado em politica que nos consta, a uns quatro dias, não se achar muito em paz com seu socio e parente e de quem era muito amigo, por ser este liberal e ter feito alguma recommendação favoravel a um candidato de sua politica, em provincia diversa (!) e já dizem que brevemente cortarão o nó gordio com a dissolução da sociedade.

Não acho isto razoavel. Vivão em paz, é o que lhes aconselha o

Procopio.

Parnahyba, Janeiro de 1886.

Parnahyba.

A «Epoca» a desenvolta «Epoca» de todos os tempos, na faina de tudo e a todos descompor, já não respeita, se quer a pelle dos seus proprios amigos!.. Condemnavel fado!...

Assim é que no seu numero de 17 do passado não hesitou em aceitar e estampar nas suas columnas o libello mais infamante e repulsivo que então se viu, contra a pessoa e caracter do acreditado negociante d'esta praça sr. Alfredo Pedreira, politico sincero, d'estes que não admittem patetas!...

Talvez seja esta a razão do sr. Pedreira, uma dos mais importantes conservadores d'esta cidade, não agradar a seus co-religionarios, que no designio dos seus desejos e ambições, não gostam de tropeços, e etc, etc...

O auctor de tal libello diffamatorio, amigo politico do sr. Pedreira, acocu-

rando-se por detraz do—Chrispin da Amelia—foi fertilissimo na descompostura; e, em externar inverdades á guisa de defez!

Quanto á primeira, o sr. Pedreira, nem mesmo dá-se ao trabalho de devolve-la intacta á fonte d'onde veio, pois, os seus brios de cavalheiro, a isto lhe prohibem; quanto a segunda, porem, provoca o seu aggressor, que prove com factos, o contrario do que disse Xico Latada na Imprensa, artigo, pelo qual não é responsavel, como desejão os seus mesquinhos inimigos.

O sr. Pedreira, dotado de nobres sentimentos, saberá, de hoje em diante, collocar-se na attitude condigna do seu elevado caracter, para com os seus amigos... 8-3--86.

Dario.

Uma injustiça

No n.º 162 do «Telephone» de 21 de abril p. passado vem inserido um artigo sob o pseudonymo Cabrion, que sem motivo algum plausivel reclama a attenção do srs. ministro da marinha e presidente da provincia para o facto de navegarem vapores no rio Parnahyba.

Não pademos mesmo descobrir qual o fundamento da censura que a respeito levanta o articulista contra o sr. capitão do porto da Parnahyba. Nem ao menos o aviso do ministerio da marinha de 4 de novembro de 1881 citado por Cabrion, existe na colleção das decisões do governo, o que bem deixa verificar que o artigo do «Telephone» teve por motivo determinante qualquer circumstancia pessoal e não—pugnar pela boa marcha do serviço da navegação.

O sr. capitão Correia é muito conhecido—na provincia—e todos sabem do zelo e solicitude com que elle procura cumprir os deveres do seu cargo.

Que o governo lhe faça a devida justiça—é o que desejamos fazendo o presente protesto contra as inexactidões de Cabrion. Parnahyba 9 de maio de 1886.

Bom Jesus.

Pela exposição que temos feito dos factos consummados, depois que sahio ao pinaculo do poder a gente do conservantismo, se vê que marchamos para um verdadeiro descalabro, não contando o cidadão com a menor garantia para os seus direitos e pessoa.

E de dia para dia se reproduzem novas scenas de canibalismo, que se parecem com as Quirozadas das Barras, e se coadunão com a politica iniciada pelo inconsciente e sempre detestavel Raimundo testa.

Ha poucos dias foi esta villa testemunha d'um acto inaudito praticado pelo escrivão da collectoria Abilio José de Souza, contra a pessoa do nosso amigo Francelino Baião.

Aquelle, para dar expansão a seu genio, chegou á casa deste e pediu aguardente para beber, e como lhe dêsse somente um quarto da cuja, Abilio enfurceu-se, descompoz e procurou esboçar a Francelino, que defendeu-se e repelliu os insultos do seu provocador, que armado de um facão desfechou certo golpe sobre a cabeça de Francelino, cujo ferimento mede dez centimetros de comprimento e é bastante profundo.

Assim procedem os empregados desta situação bastarda, que tendo mau principio terá ruim fim.

Iniciada por um emerito contrabandista; executada por gente sem imputabilidade como os Arêas, Prados et reliquis e exercida por criminosos e pela ralé do partido; terá um desfecho lamentavel.

E nem se diga nada depois da consummação de actos de verdadeira perversidade, porque senão os factos intitulados chefes da gente sanguinea bradão que levarão tudo a ferro e a fogo!

Que o melhor é ver, ouvir e calar, não visitarei a cadeia!

E' que elles se lembrão ainda da Inquisição, da corda, algema e tronco, de cuja memoria não saem tão preciosos objectos.

O capitão José Rodrigues, de quem fallamos em outra correspondencia, asseverando que jazia em carcere privado tem soffrido horrivelmente depois de tal publicação.

Consta que até coagirão-no a assignar um protesto, ou cousa que o valha, desmentindo-nos, ao que se sujeitou o pobre moço afim de ver se lhe são suavizados os martyrios!...

—Faça ideia o que não sairá, sendo tido feitura das mãos do velho Marquinho, que nunca as poz em papel algum que não deixasse impressa uma falsidade—pelo menos, quando não um revoltante crime.

Mas a verdade—é que o capitão José Rodrigues soffre horrivelmente, e a causa é se ter declarado liberal.

Muito embora seja qualquer publicação d'elle—é o fructo amargo da extorsão e da violencia—exercidas por quem não tem compaixão, alma e coração.

Elle soffre, e muito.

E' bem possivel que um dia mais tarde possamos provar esta verdade.

—Por cartas particulares soube mos estar nomeado juiz municipal desta comarca—o illustre dr. Luiz Evandro Teixeira, uma das victimas do energumeno e asqueroso testa Arêa, durante as cinco horas em que empercolhou a cadeira presidencial.

Ansiosos esperamos o nomeado de quem temos as melhores informações quer no caracter de homem particular quer de empregado publico.

Teremos mais esta garantia, ante quem se quebrará a machina de perseguição que se levanta nesta terra, pelo carrasco-mór Marquinho—Escariotes.

Até breve.

O Velho Affonso.

Parnahyba.

Meus choros srs. redactores da Imprensa.—Dou a mão á palmatoria, e assim devem fazer todos aquelles que caem em falta, como eu tahi.

São cousas deste mundo velho, que é um aleijão physico e moral.

Haja vista o sr. Manoel José das Inchiundas, de quem fizeram governador do Piahy & & mas que, na realidade, é governado e não governador.

Quem diz isto não sou eu, é a comadre Theresia das Regras, cujo moral os leitores já conhecem.

O physico... oh! o physico... vou dar agora, primeiro que tudo, uma copia photographica d'ella, que eu já havia prometido aos leitores da Imprensa quando lhes dei do meu amabilissimo vizinho Tobias. Ouçam, pois:

A minha santa comadre, a sr. Theresia, é um ente que será um dia canonisado, como o foi Pedro Arbues, inquisidor-mór de Sevilla. Este pela razão de ter levado ás fogueiras do Santo-officio tudo quanto havia de justo, nobre, virtuoso e honesto na Hespanha d'então e ella, a minha comadre, pelas suas satyras ás cousas da situação. Ah! vai a photographia de minha comadre.

Elle é pouco alta, erguia, o nariz grão, a bocca longa, os olhos cavos e rímellosos (perdoem a expressão), o rosto cadaverico, as mãos descarnadas, os cabellos hirtos sobre uma testa rugosa, traço de fúrrido na procissão de cruzes &.

Junte-se a tudo isto, umas camandolas ao pescoço, e teremos, physicamente, diante de nós, a minha bellissima comadre.

O habito, porém, «não faz o monge», diz um antigo proverbio.

O moral é tudo... E, si assim não fosse, mai estariam os poetas; porque todos elles (não se zanguem comigo) são feios e jarretas; mas, o seu espirito é odorifero e cheio de incontestaveis verdades.

A comadre Thereza está neste caso. Ouçamol-a, e nos convenceremos. Disse-me ella: «compadre, tem lido a Epoca?»

Que Epoca, comadre, a de Loiz XIV? uma das glorias da antiga França; a epoca do rei dandy e requestador das donzellas e casadas, e ao mesmo tempo zguerrido soldado, e protector das artes e das letras? Tenho lido, sim, em diversos autores.

—Não é dessa Epoca, que eu fallo, compadre.

—E de qual é, então? —Fallo da que foi, outr'ora do Rezende, e é agora do joen Jayme, do Gabrielzinho, do Theodoro & de outros rapazolas desoccupados, ou que têm por unica occupação calumniar e injuriar os homens probos e honestos.

—E o que diz essa mexiriqueira, comadre?

—Diz parvoices, na forma do costume... Diz, por exemplo, que vnc., meu compadre X, é bebado, ladrão, e sandeu!... (Vide o echo conservador desta cidade, de 27 de janeiro do corrente anno.)

Desafôro!, compadre!

—Desafôro, não, comadre. Cada qual dá o que tem. Sabe a Epoca dos ars. Gabriel, Theodoro e quejandos, que bebado é aquelle simile de homem, do nariz grande, que, quando volta de certa repartição publica, onde foi, por artes de bertiques e berloques, empregado, torna quotidianamente o seu trago da mariscosa na casa dos srs. Irmãos Veras & C. (para não constipar, está bem visto) no seu tracto até a casa de sua residencia chegando ao lar domestico, pela força da broega, ainda mais pequenino,—microscopico.... Sabe tambem a rubra Epoca, que ladrão é um certo cujo a quem se lhe deu uma nota de 20\$000 reis do banco do Maranhão, para entregal-a á certa entidade feminina, e que, em vez della,—da nota amarellinha,—deu uma de 2\$000 reis do thesouro nacional; o, interpellado por tal engano, ficou com cara de papa-sabão.

E digam lá, leitores, que o habito faz o monge!...

A comadre Thereza é uma santa mulher, que só sabe dizer verdades... As verdades são duras; mas, são sempre verdades. Quem tem a capa róta, dilacerada, não deve vir-se quando vê sentar-se uma moça intrusa na casaca do seu visinho...

Esta minha comadre Thereza das Regras, com a sua beatitude, faz-me dizer cousas sem eu querer!... Vá lá, já que assim quer...

Tenho meus receios, meus bons leitores, de que ella, a minha comadre, me obrigará ainda a representar, nesta situação politica, o papel de taitá-peba, fazendo-me revolver as respeitaveis cinzas dos sepulchros, o trazel-as, com todas as suas nodosas, á manção dos vivos, para enrubescer as lividas faces dos meus detractores...

Isto, porém, ficará para mais logo, se me obrigarem...

Em minha officina ha ainda muita fazenda... e fazenda de loi, devidamente carimbada com a marca da fabrica...

E, entretanto... vamos adiante.

Nesta terra tão amena, tão fresca, tão cheia de roivas e fibras, as mezas estão, actualmnte, sendo tripesças; e as tripesças mezas... E sinão, vejamos:

Antigamente foram aqui chefes do partido conservador—o coronel João José de Salles, o capitão José Francisco de Miranda, o tenente coronel Antonio Marques, o major José Rodrigues de Sampaio, e os drs. Manoel Joaquim Bahia, e Antonio Francisco de Salles,—todos cidadãos benemeritos, ordeiros, honestos e abastados.

Luctaram elles em prol de sua politica, com o coronel José Francisco de Miranda Ozorio, aguerrido e estrategico general do partido liberal do Piahy, e todos—elles e este—guardaram sempre, mesmo no frenezi das contendidas partidarias, as conveniencias particulares entre homens de bem, que se presavam reciprocamente, respeitando a honra das familias dos seus contendores e a posição social dos seus adversarios.

Ainda hoje no partido liberal, actualmente fóra das graças do Rei, ha, nesta pequena parte do grande imperio da America do Sul, homens que têm intelligencia e moralidade, que podem dispôr de alguns conquibos e que são devotados lidadores em prol de suas ideias.

O partido conservador d'aqui, porém, (coitadinho!) está reduzido á umá miseria!... Não tem corpo e muito menos cabeça!!...

Sem corpo e sem cabeça não ha ente algum neste mundo, que possa viver, digam embora os sectarios desse partido o contrario.

Existiam, dos antigos conservadores, dous dos seus successores:—um delles, o Anatio, «bateu as azas, voou», por não querer fazer causa commum com certos homens, que seduzidos por aquella cousa com que se compram os melões, quizeram fazer delle uma comparsa na comedia que representaram perante a camara municipal desta cidade.

O outro conservador, se tal nome ainda se-lhe pode dar, o Miranda 2.º, emfim, é actualmnte um calunga de presepito, em mãos de meninos, graças, mil graças ao sr. Coêlho de Rezende, o homem da dor de barriga lá na Cadeia Velha....

Muitas cousas teria ainda a dizer-lhes, srs. redactores; mas esta já vae longa.

Entretanto, ao dar a ultima volta á chave desta missiva, direi ainda aos meus detractores que elles depois de terem lançado lama sob a reputação do X hão de, por certo, exigir-lhe «a bolsa e a vida».

Uma e outra cousa lhes entregará; mas, aquella vasia, porque o contheúdo elles já lovaram desde 1876, e esta amargurada pela contemplação dos continuos destemperos praticados pelos homens do conservantismo.

O velho X.

P. S.—Lista nominal, com as necessarias observações, dos actuaes chefes conservadores desta localidade, considerados taes pelo sr. Rezende—o latiquara, Sergio Vaz, o homem das dignidades e das bananas compridas.

Camara (o gargalhadas) de quem disse o pao (delle), em uma carta a um negociante d'aqui: «não o deixe encoctar-se no seu balcão, pois tem o costume de saltar para dentro e roubar o dinheiro existente na gaveta.

João Patury, assassino confesso. E o sr. Sergio que o diga...

Silveira, o Romeu da Julietta Eufemia escrava do dr. Botelho de Andrade. As cartas registradas no correio publico, e o sr. coronel Francisco Mendes de Souza, que diga quem elle é...

Além destes ainda temos: Chico Xilano, João de Lemos, Chico Latada & C. O X.

NOTICIARIO

E' com o sr. presidente. —Constanos que o thesouro desta provincia apresenta um deficit contristador. A sua principal fonte de receita é o dizimo do gado, cujo langamento e arrecadação estão sendo feitos do modo mais fraudulento e caprichoso possivel!

Como se vê das reclamações dos nossos amigos fazendeiros, residentes nos diferentes municípios da provincia, notadamente da correspondencia do sr. major Jacob de Alwendra Freitas que «stampamos hoje neste periodico, o sr. Me-nez Prado, sinão por zelo dos seus deveres como administrador desta provincia, ao menos por amor da patria brasileira, não consinta nessas escandalos dos seus collectores que, certo, só servirão para apressar uma banca-rola medonha.

Convença-se s. etc. de que o assumpto é grave, gravissimo, attentas as condições precarias do thesouro provincial e as fraudes dos seus agentes locais.

Chamamos tambem a sua attenção para outro artigo do mesmo nosso amigo major Jacob de Alwendra, que, tendo requerido a s. exc. a entrega do predio em que funciona a camara municipal, não foi attendido. O predio não é propriedade do governo; por consequencia deve ser restituído a seu proprietario. Em Marvão, o sr. Arca mandou entregar á d. Lina Lobão uma casa em idênticas condições. E porque o sr. Prado fecha os ouvidos ás reclamações do nosso distincto amigo Jacob Alwendra?

Telegrammas.—Lê-se no «Diario do Maranhão»: Pernambuco, 6—10 h. m.

Foram eleitos: Presidente da Camara dos Deputados o dr. Domingos de Andrade Figueira, eleito pelo Rio:

1.º vice-presidente, o dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, eleito pelo Maranhão;

2.º vice-presidente, Barão da Villa da Barra, eleito pela Bahia;

3.º vice-presidente, dr. Samuel Wallace MacDowel, eleito pelo Pará;

Secretarios.—Drs. Antonio Coelho Rodrigues, do Piahy; Wallace Cochrane, de S. Paulo; José L. Coelho Campos, de Sergipe; Manuel A. Portugal, do Ceará.

Para apresentarem o projecto de resposta á Falla do Throno, foram eleitos os seguintes deputados:

Dr. Antonio Ferreira Vianna, do Rio; dr. A. F. Correia d'Araujo, de Pernambuco, dr. Rodrigo A. da Silva, de S. Paulo.

Partidas.—Retiraram-se para seus sitios os nossos amigos tenente coronel Theodoro Boavista com sua exm.ª familia, capitão Theodorico Bôa-vista e tenente Candido Pereira de Araujo. Desjamos-lhes optima viagem.

Estadas.—Achim-se entre nós os nossos illustres amigos drs. Antonio Rubim e Urbano de Araujo. Nossos cumprimentos affectuosos.

Exercicio.—No dia 5 deste mez assumiu o exercicio de juizado de direito da villa de Piracuruca o dr. Agostinho Julio do Couto Belmonte e a 10 seguiu para a Batalha, onde foi presidir o jury.

Jeromenha.—Escrevem-nos: «Nesta localidade onde se acha como juiz municipal o dr. Theophilo Modeste Soares, o qual se t.n.l.º entregado ao sr. José Lino Rocha, actual promotor publico da comara, tem arvorado o estandarte de conquista aos liberaes do municipio; para esse fim foi adrede escolhido o sr. Theophilo, por encomenda dos conservadores, que estão satisfeittissimos com tal acquisição.

A proxima eleição exige que o dr. Theophilo, não se fizesse esperar. A persegução é a arma da situação, é esta que emprega o sr. José Lino, contra os seus adversarios, para atrahir os fracos e impossibilitar os fortes.

Começaram as hostilidades pelas prestações de contas de tutores, por modo vexatorio e de envolta, uma alluvião de executivos dos liberaes devedores ao thesouro provincial, e as extorsões dos officiaes de justiça havendo des ignorantes aterrorisados, a titulo de custas, até o quintuplo do que lhes era devido.

Aguarda-se uma rede de processos, que está sendo urdida pelo habitissimo fabricante de taes artefactos, o sr. José Lino, na qual serão envolvidos os nossos amigos e co-religionarios que tenham o desafôro de resistir-lhe na proxima eleição municipal.

O tabellião Polydoro e Felix Ferreira da Costa, já estão sendo processados, e muitos outros liberaes o serão em breve.

Avante, sr. José Lino, o tempo é proprio, e o juiz é bom.....

Aos nossos amigos e co-religionarios a quem enviamos as nossas condolências, dizemos que não se desanimem, que acima dos distates do juiz partidario e das diatribes do promotor do mal, estão a inteireza e moderação do digno juiz de direito desta comara.

Conego Gil.—Em uma correspondencia do Maranhão para a Vanguarda, da Corte lê-se o seguinte, relativamente ao illustre sacerdote, cujo nome encima estas linhas.

«Acaba de chegar do Piahy, onde fóra passar as ferias no seio de sua respeitavel familia, o revmd. conego Raimundo Gil da Silva Britto, um dos mais bellos ornamentos do clero maranhense. O conego Britto é professor de moral no Seminario maior e capellão do Reconhecimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remedios, onde tem prestado os mais relevantes serviços.

Disse alguem:—o servidor de uma idéa, de uma religião qualquer, quanto é convicto, dedicado e desinteressado, merece o respeito, a consideração e até mesmo a estima dos mais intellerantes adversarios.

E' isto exactamente o que dá-se com este exemplar ministro da religião do Crucificado; todos os que têm a felidade de communicar-o, não podem recusar-lhe a homenagem de suas sympathias e da mais extrema admiração.

Perdê-me o virtuoso sacerdote, si com estas minhas phrasas, vou ferir-o em sua reconhecida modestia.»

Interessante.—Da «Facotilha»: «A franceza casa-se por calculo, a ingleza por costrene, a allemã por amor.

A franceza ama até que termine a lua de mel, a ingleza toda a vida, a allemã eternamente.

A franceza leva as filhas aos bailes, a ingleza á egreja, a allemã occupa-as na cosinha.

A franceza tem inspirações, a ingleza intelli-gencia, a allemã sentimento.

A franceza veste-se com gosto, a ingleza sem elle, a allemã com modestia.

A franceza palra, a ingleza fala, a allemã raciocina.

A franceza sobresta pela lingua, a ingleza pela cabeça, a allemã pelo coração.»

Passamento.—No termo de Valença falleceu o nosso amigo e correligionario tenente Thomé da Costa Velloso. Era eleitor de parochia, pai de numerosa familia e deixou muitos filhos na orphanidade.

ANNUNCIOS

BOTICA DO POVO

ULTIMA CONQUISTA DA THERAPEUTICA BRASILEIRA. PEITORAL DE PE DE BOI

Preparado, cuja base é um vegetal popularmente usado como infallivel de toda sorte de molestias pulmonares, taes como,

Tosse Asthma Dores do peito

Tisica incipiente

Preparado unicamente pelo Pharmaceutico José Pereira Lopes, ex-chimico-analista da Policlinica Geral da Corte.

ADVOCADO.

BACHAREL ANTONIO DE SOUZA RUBIM

Pode ser—procurado—seja para o fóro desta capital, seja para o de qualquer outro ponto da provincia, mediante previo ajuste.

Calçados nacionaes.

Preparados na acreditada sapataria de Trajano Ribeiro das Chagas, de Caxias.

A venda em casa dos srs. João da Cruz & Irmão.

Bico fino botinas e sapatos para homens. Couro da Russia, bizerro e Cordavão.

Fantazia.—Sapatos para senhoras, preparados a capricho.

Economia e duração. Em casa dos srs. João da Cruz & Irmão recebe-se encomendas de calçados, com as respectivas medidas, para serem preparados em copias com a maior brevidade e segurança.

Os abaixo assignados fazem publico que nesta data dissolveram de commum accordo e amigavelmente a sociedade que tinham contrahido nesta cidade sob a firma de Manoel Raimundo da Paz & C., ficando a cargo e sob a unica responsabilidade do socio chefe Manoel Raimundo da Paz todo o activo e passivo da dita firma e desonerados para com a paz os socios Satyro José Pinto d'Oliveira e Francisco Antonio Freire.

Theresina, 15 de maio de 1886.

Manoel Raimundo da Paz.

Satyro José Pinto d'Oliveira.

Francisco Antonio Freire.

Simplicio José da Silva, para salvaguardar os seus direitos, faz publico que,—transferio a sua residencia da comarca de Bastos Bons, provincia do Maranhão, e fixou a nesta cidade, desde o mez de março do corrente anno.

Theresina, 15 de maio de 1886.

José Antonio Ferreira, residente no municipio da Manga declara ao collecter das rendas provinciaes que retirou a criação do gado vaccum, que tinha em sua fazenda «Cajueiro», por isso não deve mais ser lançado para o pagamento de dizimos com relação a criação vaccum da mesma fazenda.

Theresina, 15 de maio de 1886.

José Antonio Ferreira, residente no municipio da Manga declara ao collecter das rendas provinciaes que retirou a criação do gado vaccum, que tinha em sua fazenda «Cajueiro», por isso não deve mais ser lançado para o pagamento de dizimos com relação a criação vaccum da mesma fazenda.

Theresina, 15 de maio de 1886.

José Antonio Ferreira, residente no municipio da Manga declara ao collecter das rendas provinciaes que retirou a criação do gado vaccum, que tinha em sua fazenda «Cajueiro», por isso não deve mais ser lançado para o pagamento de dizimos com relação a criação vaccum da mesma fazenda.

Theresina, 15 de maio de 1886.

Grande Loteria de Pernambuco Premio grande 100.000.000 :::

Em casa de João da Cruz & Irmão accitam-se subscriptores para uma Sociedade de 50 bilhetes d'esta loteria, que será extrahida no dia 8 de julho d'este anno impreterivelmente.

Theresina 1886. impr. por Joaquim d'O. Costa